



Gaiato



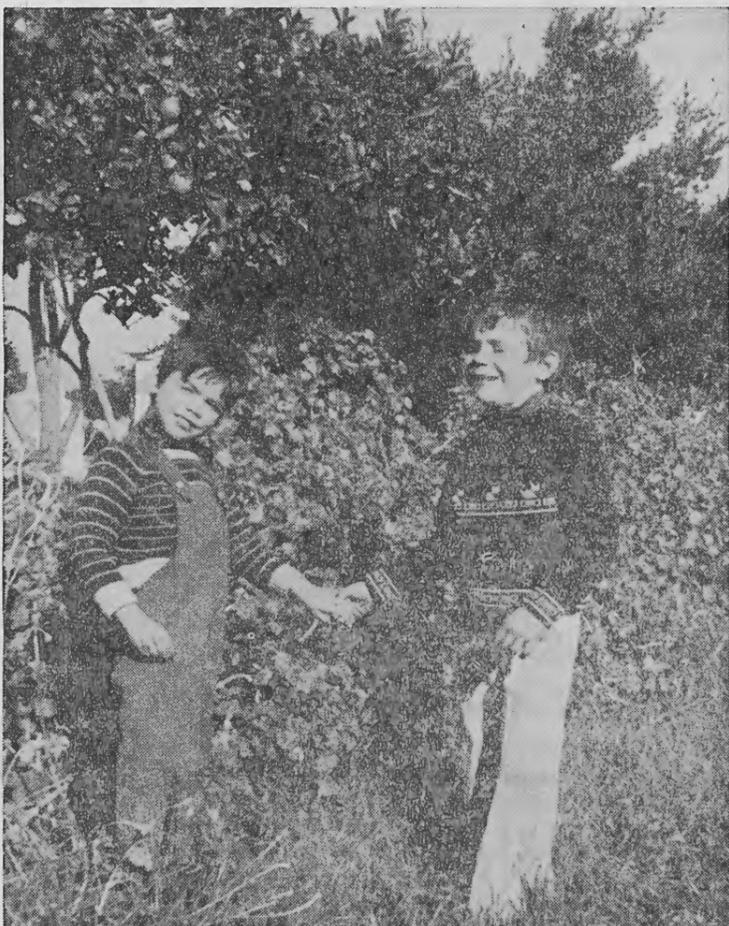
PORTE
PAGO

Quinzenário * 31 de Maio de 1980 * Ano XXXVII — N.º 945 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Luisinho e Paulo Jorge, os mais pequeninos da Casa do Gaiato do Tojal.
Uns amores que impulsionam o nosso compromisso.

Os Direitos da Criança

Passámos ontem por uma bouça perto de Valongo, eu e os vendedores de sexta-feira. Era o fim do dia. Procurávamos um rapazito de 11 anos que nos fora recomendado e queríamos conhecer no seu habitat. Foi ele, até, o primeiro que encontramos e nos levou, caminhando à distância, junto da casa. Dentro dela, vozes gritando a linguagem mais soez, decerto o léxico habitual naquela mansão de pais e cinco filhos, dos oito que já ali moraram. Destes cinco, duas são ainda pequeninas e encantadoras; faltava um rapaz mais velho que anda fugido; e estava presente um outro de 17 anos, que é o ganha-pão da família e nos pareceu o mais tratável do grupo.

O nosso homem não estava em maré de falar. Recusou di-

zer o nome e a idade e, enquanto apareciam os pais e o irmão, foi deitar-se sobre o telhado do casebre de onde assistiu à conversa. A mãe, uma mulher estragada pela vida. Talvez ainda não tenha quarenta anos, mas a aparência induz facilmente à suposição de mais vinte. O titubear da voz, o olhar vago e tímido deixou-nos a impressão de uma débil mental. O desalinho do quarto, em que um tabique de madeira esboça uma divisão que realmente não existe; a montureira do barraco anexo que serve de cozinha — ostentam a degradação daquele viver familiar. O pai, esse abundante em gestos e palavras, não podia ocultar o toque do álcool que, por prévia informação, eu já sabia correr ali mais caudaloso do que o caldo. Melhor conservado que a mulher, está no entanto reformado. All passa os seus dias bebendo e zaragateando.

Um quadro de miséria que não vem tanto da falta de recursos como da decadência de humanidade naqueles seres, to-

davia humanos e sujeitos de salvação. Quem pode admirar-se de que o Fernando (o nosso homem) vagueie, não vá à Escola, roube, fale mal, ameace a mãe e chegue a apedrejá-la se ela não der dinheiro para tabaco, se lhe não satisfizer os caprichos?! E aquelas duas pequeninas, tão sujinhas e mesmo assim cheias de graça no seu sorriso ainda inocente — que será delas amanhã?!

Ali me lembrei de outra experiência em outra bouça, quando fui buscar o Victor e a mãe, emergindo de um surto da embriaguez que era o seu estado, solta este grito de verdade: «Eu é que devia ser internada!» Sim, os problemas dos filhos nunca se resolvem autenticamente à margem dos da família que os causou. Há o sangue que vincula; uma dor que permanece; uma insatisfação que acompanha a vida toda.

E supunhamos que, com a ajuda de Deus, conseguíamos restituir o Fernando a um nível de dignidade que ele nunca

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

Luisinho e Zé Manel têm cinco anos. O primeiro é nosso há cerca de ano e meio; o segundo veio pouco antes de fazer aquela idade, aí há uns 6 a 8 meses. Os dois foram «artistas» de relevo nas nossas Festas, que muito cativaram os nossos Amigos.

Luisinho é órfão de mãe e não raro pergunta-nos se ela está no Céu. Nem o facto de ter dois irmãos consigo o leva a esquecê-la. Zé Manel tem a sua progenitora internada num hospital, gravemente enferma e desiludida dos médicos. Pouco tempo terá de vida, dizem os entendidos. Apesar de ter sido visitado de ambulância pouco ou quase nada fala na mãe, uma jovem, com outro filho de progenitura diferente.

São estes dois amores, com outros, como o Paulo Jorge, prenda da Misericórdia, nitidamente deficiente, que nos dão alento para perseverar. Esta vida nem sempre é fácil e os

espinhos amontoam-se, por vezes, à nossa frente. É muito fácil teorizar e dizer palavras bonitas, tantas vezes demagógicas e inconsequentes. Pegar no arado, porém, não é para todos, mesmo que mais dotados e de grande ciência.

Vêm estas palavras a propósito do trabalho apagado que algumas «mães», perseverante e inestimavelmente, realizam em favor dos Rapazes, nomeadamente dos mais pequeninos, sem esperarem recompensas mundanas de qualquer espécie. Autênticas «mulheres fortes», à maneira do Evangelho, vão-se consumindo lentamente, dando o melhor da sua luz e do seu calor em favor dos que não tiveram mães à altura ou as perderam por qualquer razão. Ora, é preciso que todos saibam da existência destas poucas mas abnegadas Colaboradoras, que tornam possível a acção que se exerce nas Casas do Gaiato e em que não se repara ou se dá

conta, por escondidas nos bastidores desta luta no palco da vida em que estamos empenhados. O seu a seu dono e que todos tenhamos a humildade de reconhecer que nem sempre são as pedras expostas, à luz da ribalta, as mais essenciais e valiosas. Para que conste, por Justiça!

Um certo cansaço, as Festas e os trabalhos do dia-a-dia, impuseram-nos uma pausa na missão de pregação pelas igrejas de Lisboa. A receptividade havida e os estímulos recebidos animaram-nos a ir, porventura, um pouco além do que seria razoável. Mais para a frente, porém, recomeçaremos, pelas praças e zonas de veraneio. Como queremos ser apenas transmissores da Palavra, que não nos pertence, esperamos que não olheis ao instrumento mas apenas à riqueza que ela comporta.

Padre Luiz

AUTO-CONSTRUÇÃO

Ainda que nada versados em Estatística, não andaremos longe da verdade afirmando que uma boa fatia das moradias construídas nos últimos anos, fora das zonas urbanas, no interior do País, são produto da Auto-construção; de trabalhadores que levantam a sua casa por suas próprias mãos.

Que seria hoje o problema da habitação nas zonas rurais, de todo o norte do País, se não fosse a iniciativa dos Auto-construtores?!

E a riqueza cívica, moral, material e social que estas iniciativas, individuais ou de grupo, representam para a Família, para a Nação?!

Nas esferas oficiais, e nos meios de comunicação social, porque se omite geralmente a Auto-construção quando tratam dos problemas da Habitação?! As referências ou abordagens descambam, quase sempre, para a compra de casa própria por linha(s) de crédito bonificado...

Denunciamos o expediente pelo respeito e incalculável

Continua na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

«QUEIMA DAS FITAS» — Como referimos no número anterior, aí vão os comentários dos nossos rapazes que participaram na «venda da pasta» da «Queima das Fitas».

Passados uns segundos da partida, começaram a trocar impressões uns com os outros:

— Tu andaste de elevador?

— Isso não me importa. Eu também já andei! Mas tu querias era andar numas escadas rolantes, para cima e para baixo, sem fazer esforço! Elas é que me levavam!

«Chegou a vez de um «batatinha» levantar a voz:

— E eu?! Aquilo é que foi! Eu ia a entrar numa casa onde estava muita gente com papéis nas mãos e, de repente, calquei o tapete da entrada e logo a porta se abriu! Foi mesmo com estilo! — dizia ele muito alegre.

Muitas mais coisas disseram durante o trajecto do Porto a Paço de Sousa! Mas, por fim, chegámos e logo a seguir ao jantar chamei três dos que mais se ouviram na viagem. Fiz-lhes umas simples perguntas, pois eles são ainda muito pequenos para raciocinar e já estavam muito cansados e até com sono. Por isso perguntei ao Bento:

— Gostaste da «Queima das Fitas»? Muito ou pouco? Se gostaste, diz porquê; e, se não gostaste, diz também a razão porque não gostaste.

— Sim, gostei muito porque tive oportunidade de melhor ver as montanhas do Porto, tão bem enfeitadas e com coisas tão diferentes e bonitas. Para mim foi um encanto, a primeira vez que eu fui ao Porto! E também gostei de andar com os rapazes e raparigas das Faculdades porque falavam muito comigo e, de vez em quando, compravam-me bolos, depois de eu tanto insistir dizendo que não queria. Por fim ainda me ofereceram um rico e apetitoso almoço, que é melhor eu não dizer o que foi, se não ainda ganho outra vez água na boca!

Passei então ao Carlitos.

— Não gostei muito porque o tempo não ajudou mesmo nada; mas por outro lado até gostei de saber o que era a «Queima das Fitas». É que assim, se por acaso tornar a haver, eu sou logo o primeiro a pedir para participar. Só espero que o tempo esteja bom, porque eu gosto pouco de me molhar. Gostei muito do grupo de estudantes que andou comigo e me levou a um grande restaurante onde escolhi o que queria comer.

Seguidamente, e para acabar, passei ao João.

— Gostei da «Queima das Fitas» porque me diverti muito; andei de elevador, de escadas rolantes, etc. Gostei do grupo que andou comigo porque era muito simpático. Deram-me bom comer. Comi que me regalei! Eu até deixei ficar a sobremesa, coisa que comigo nunca acontece cá em Casa!

Mandam todos muitos beijinhos e abraços, dizendo que ficaram com muitas saudades dos estudantes.

Aproveitamos a ocasião para infor-

mar os nossos Amigos que o rendimento líquido da «venda da pasta», na «Queima das Fitas», foi de 82.165\$80.

Um muito obrigado a todos.

«Faniqueira»

BATATAS — As nossas batatas foram semeadas há bastante tempo. Estão a crescer muito bem. Sachadas e regadas virão a desenvolver-se mais. Já crescidas serão arrancadas e guardadas no nosso celeiro para depois serem preparadas pelos cozinheiros. Oxalá que, este ano, os nossos campos dêem muitas batatas!

VINHO — As nossas videiras estão a ser muito bem tratadas para poderem dar mais vinho. Mas se algum dia cai geada ou orvalho, lá se vai o vinho! Se S. João não fizer isso, acho que poderemos, este ano, ter bastante vinho para enchermos as nossas grandes cubas.

GRILLOS — Esta época, os grilos foram ainda pouco falados cá em nossa Casa!

Ou é por existirem em pouca quantidade ou então porque os rapazes não se dão ao trabalho de os procurar. Mas, cá em Casa, ainda existem bastantes grilos, mas são dos mais pequeninos. Os nossos campos encontram-se com buracos feitos com sachos ou paus; isto quando os grilos não querem sair da toca, eles fazem-lhes a chamada «autópsia». Então, para lhes dar de comer, vão à entrada da Capela e tiram folhas da trepadeira, ou vão às rosas.

EXCURSÕES — A semana compreendida entre 11 e 18 de Maio, foi a «rainha» das excursões! Muitos amigos gostaram de nos visitar. Eram alunos das Escolas Primárias, da Catequese, etc. Muitos dos que nos visitaram, gostaram de ver as nossas oficinas, os animais, etc., visitando todos os cantos da Casa. Ainda no dia 18, domingo, estive cá uma excursão de S. Martinho do Campo (Valongo). Aquela grande Família paroual conviveu connosco durante o dia. No fim, dançaram frente ao nosso balneário e no campo de futebol. Algumas das moças ajudaram os nossos copeiros a arrumar a louça no seu devido lugar, estando presente o «Faneca», indicando o lugar onde a deviam colocar.

Foi um domingo bem passado, para os nossos rapazes. De referir, também, que, nesse mesmo domingo, houve futebol para as nossas duas equipas (A e B). Vencemos esses encontros pelo mesmo resultado: 6-2.

Antes do jogo com a equipa sénior (A) foram entregues aos nossos jogadores cinzeiros com o nome do Clube que nos visitou: G. D. de Guilhabreu.

Gostámos muito da vossa companhia, da vossa visita. Venham sempre porque nós somos a Porta Aberta.

BOLAS — Chegaram as primeiras bolas! E no próprio dia em que saiu a anterior edição O GAIATO. Eis a primeira resposta:

«Constituímos um grupo de amigos do «Lourinho», um jovem que nos visita quinzenalmente, fazendo chegar até nós o vosso jornal O GAI-

TO, que acolhemos com agrado e satisfação.

No n.º 944, o «Salsichas» lança um apelo para obter algumas bolas que proporcionem a prática desportiva, nomeadamente do futebol. Cá estamos a dar o nosso apoio com a oferta de 5 bolas novas, que o amigo «Lourinho» vos entregará.

Esperando poder continuar a responder aos vossos apelos, subscrevemo-nos

Os amigos do «Lourinho».

Todos nós estamos muito agradecidos pela vossa generosidade. Um muito obrigado do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato. Mas o nosso problema não é só bolas. Também a falta de chuteiras! Bem mais caras...

«Salsichas»

PASSEIO ESCOLAR — No dia 8 de Maio fomos dar um passeio. Vimos a Sé do Porto, onde a primeira pedra foi posta por D. Teresa. Depois seguimos para o Museu da Cortiça, em S.ta Maria de Lamas, onde os homens da Casa do Povo de Lamas não foram nada simpáticos, porque não nos deixaram visitar o Museu; mas, ainda assim, vimos um pavão, ratos-chinos, faisões e mais animais.

A seguir visitámos a fábrica de vidro em Oliveira de Azeméis, onde vimos como é feito o vidro: Feldspato, calcário, vidro moído e areia; os trabalhadores a formar copos, vasos, frascos, canecas, etc. Vimos uma creche de crianças dos operários da fábrica. Vimos umas belas artes de vidro. Fomos almoçar ao parque. Comemos salada russa, bebemos sumol e mais coisas boas.

Da parte de tarde fomos visitar o melhor, isto é, Coimbra. Para mim foi o melhor. Percorremos a famosa cidade, invadida pelos bárbaros. Essa cidade foi soterrada, mas depois de muitos anos passados os arqueólogos começaram a destapá-la. E os historiadores foram vendo e descrevendo o que são aquelas quatro casas.

É espantoso, mas é verdade, vimos um lago com 547 repuxos. Também naqueles tempos já construíam estradas bem grandes. Vimos uma que vai de Lisboa a Braga!

Vimos uma muralha imensa construída pelos romanos. Do lado direito da cidade eram defendidos pelas muralhas; do lado esquerdo por uma defesa natural.

Vimos a casa dos esqueletos, onde há um de criança com mais ou menos quatro anos de idade. Vimos um de adolescente e outro de adulto; perto de um deles encontraram 58 moedas. Vimos, também, um templo cristão. As casas não tinham janelas que as ligassem ao exterior. Eram todas viradas para o pátio. Fomos, de seguida, ao «Portugal dos Pequenos», onde ouvimos um papagaio a falar, casas pequenas, castelos, moinhos, etc. Tudo aquilo foi muito lindo!

Então, de seguida, regressámos. E merendámos em Aveiro.

Adorei o passeio. Foi tudo muito bom e espero fazer outro igual.

Almeida

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É uma Viúva ainda moça, com um bando de filhos. O homem morreu electrocutado. De um momento para o outro aquela prole fica em crítica situação!

Na altura própria, motivámos a Viúva a correr a *via-sacra* dos papéis, para obter a pensão de sobrevivência. E, com delicadeza, preparámos-lhe, psicologicamente, para a longa demora até começar a receber a magra pensão, que não dará para a mercearia! Mas que nós iríamos — como vamos — suprimindo, na medida do possível, uma das mais antigas e vergonhosas falhas do Seguro Social; talvez um caso típico no contexto europeu!

Parece-nos, no entanto, que a ferida — um gravíssimo problema de Justiça Social — de tanto sangrar ao longo de anos, já causa mau-estar e não pode manter-se sem remédio, indefinidamente. Assim queiram os responsáveis..., pois no domínio dos serviços há tantos meios sofisticados — e não só — para resolver o caso! Estamos na era da Cibernética.

O certo, porém, é que a dois pas-

sos do ano 2000, num País que deu novos mundos ao mundo, milhares de Famílias passam enormes carências por não beneficiarem, oportunamente, dos seus direitos. Valha-nos Deus!

PARTILHA — Vilar Formoso, 500\$00 «para o que V. entender». Jazente, 2.550\$00 «para serem aplicados no que for mais preciso, pois V. sabem melhor do que eu». A «amigalhina habitual» da Rua Augusto Gil, Porto, referente ao mês de Abril. Vancouver (Canadá):

«Envio esta quantia (1.800\$00), prometida por mim para repartir com os Pobres.

Eu também sou pobre. Só vivemos do trabalho de meu marido. Mas, nestas terras, o Emigrante, se tiver saúde, só com o trabalho ganha o suficiente para a família e para ajudar alguma coisa a quem tem mais necessidade.

Peço aos vossos Pobres que rezem pela minha saúde, que é tão pouca!»

Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00. «Por alma de Francisco e Maria José», 120\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

«Saúdamos a Família.» Tantas vezes temos afixado o cartaz com esta saudação, no pano de fundo dos palcos, nas salas das nossas Festas e cada vez nos sentimos mais impulsionados a afixá-lo no coração e na vida de todos.

Continuamos a ter de sentir a dor das famílias destruídas e a destruírem-se. E esta dor vem-nos dos frutos desta destruição — os filhos. Os filhos abandonados à procura da família. A criança órfã com os pais vivos, que grita pelos seus direitos fundamentais.

As Casas do Gaiato e outras semelhantes nunca sentiram, como agora, esta afronta tão grave aos Direitos da Criança. Quase todas as crianças que nos batem à porta trazem estampado este grito — queremos os nossos pais, queremos a nossa família.

O correio de ontem levou a nossa resposta a muitas cartas como esta. E esta carta veio do Serviço Social duma das nossas terras:

«Foi-nos apresentado pelo Tribunal Judicial da Comarca o caso de três crianças de 11,

9 e 5 anos, filhos de um indivíduo que se encontra detido por lhe ser imputado crime de homicídio voluntário e cuja mãe se encontrava em tratamento no Hospital Psiquiátrico.

Estas crianças, sobretudo o mais velho, têm sido vítimas de maus tratos por parte da mãe que anda permanentemente alcoolizada. Supõe-se que o pai é o próprio a instigar a mãe, através de cartas, a maltratar este filho, uma vez que este é uma testemunha ocular do crime. Ela própria parece ter tentado já envenenar o filho e tentar atacá-lo com te-souras, etc.

Os filhos dirigiram-se àquele Tribunal apresentando queixa da mãe e não querem mais ir para casa, preferindo ser internados.»

Queremos gritar com estas e com uma multidão de crianças: não queremos que as pessoas se matem umas às outras; não queremos o alcoolismo; não queremos a droga; não queremos que os pais se troquem; queremos amor.

Padre Horácio

AUTO-CONSTRUÇÃO

Continuação da PRIMEIRA página

valor — tampouco se pode medir em números, em indicadores — que nos merece a Auto-construção (que deveria merecer ao País inteiro) na solução do mais grave problema nacional.

Já que falámos em crédito, dito **bonificado**, o maior bloqueio (e recessão) que ora atinge a Auto-construção não é o dinheiro — como muito boa gente supõe — ainda que as moradias tenham de subir com um suporte de papel-moeda. E não é pouco...! O mais grave problema é a babilónica rede burocrático-legislativa (verdadeiro pandemónio!), cuja dispersão e exigências oneram o custo das moradias, sim, mas pior: desmotivam ou asfixiam o humilde cidadão das zonas rurais no acesso à habitação condigna — pelos seus próprios meios. Sem ninguém, ninguém, que lhe bote a mão! Esta marginalização oficial é um verdadeiro atentado aos Direitos do Homem.

Numa prévia formalidade para viabilidade de loteamentos, parece impossível o legislador — na ânsia de optimização — exigir escalonamentos hierárquicos para dignos **Pareceres** sobre a natureza dos solos, no âmbito do Decreto-Lei n.º 308/79. Até 5000 m² são requeridos às Direcções Regionais (Sub-regiões) de Agricultura; acima dessa área à Direcção-Geral de Engenharia Hidráulica e Agrícola — em Lisboa!

Sabemos da história por um requerente, que salienta no documento o facto de quatro lotes estarem já ocupados de **construções clandestinas** há sete anos, pretendendo a legalização da anomalia e uma ampliação do loteamento — para Auto-constructores.

O círculo vicioso é tamanho que, em determinado concelho rural, um interveniente no sector projectista chega a motivar clientes a construir à margem da lei!

Causas da **clandestinidade**: falta de terrenos para habitação!, excessiva burocracia, etc., etc.

Como o País não é só Lisboa..., a construção de moradias nas **zonas essencialmente rurais** precisa de um planeamento e regulamentação mais **adequados às necessidades locais**; transferindo progressivamente toda a **via-sacra** burocrática para as autarquias, e respectivos técnicos necessários para o efeito. Então, sim, teremos relançamento e progresso no domínio da construção de habitações, especificamente por intermédio da Auto-construção.

Esta é uma conclusão a que teria chegado, também, o recente seminário subordinado ao tema «Intervenção dos Municípios na Habitação», iniciativa do Instituto Superior do Serviço Social do Porto, de cuja notícia transcrevemos o seguinte extracto:

«Foi tida em conta, de um modo especial, a influência (a nível autárquico) resultante da criação de serviços próprios para o tratamento específico do problema da habitação.

Como factores que têm a ver com as carências e deficiências da habitação, no nosso País, foram mencionados o «fraco desenvolvimento das forças produtivas», o «baixo nível do consumo colectivo da população» e a «forte concentração especulativa do capital financeiro e industrial, em sectores que nem de perto dizem respeito ao problema da construção habitacional».

Entretanto, acrescentou-se que, não obstante os recentes esforços prodigaladores no sentido da oferta habitacional ir mais ao encontro das classes pobres, nem por isso a situação se alterou significativamente. Todavia, avançou-se nalguns sectores, como no controlo das rendas, no aumento da intervenção do Estado na promoção habitacional e na gestão urbanística de solos.

Foi ainda salientado que «a **municipalização dos solos é condição fundamental para controlar a utilização dos terrenos**» e que a **autonomia do poder local é ainda indefinida**, apesar de já existir regulamentação para o efeito. **Do alargamento das competências e do poder de intervenção das autarquias deverá surgir, por seu turno, um planeamento a nível concelhio, que tenha como objectivo prioritário o reequilíbrio do desenvolvimento concelhio e regional. Isto, sem se esquecer que as populações devem ter uma parte activa na detecção e resolução das suas carências.**» (O sublinhado é nosso)

Júlio Mendes

● Um dos nossos miúdos escrevia assim para a avó: «Olhe, não se esqueça de cuidar bem do gato e do cão». A avó era a pessoa mais amiga que ele tinha, talvez... O cão e o gato são um símbolo do afecto por algo ou alguém que ficou para trás. É bom gostarmos dos animais. É saudável. Faz-nos bem a estima por eles. Mas se eles substituem as pessoas no receber do afecto, é má, muito má tal atitude. Cada coisa no seu lugar e cada reino na sua delimitação.

Não penso que o gato e o cão do nosso rapaz simbolizem um defeito de afecto... Talvez sim, um símbolo de carência afectiva! O mundo da afectividade de cada homem é um mundo muito complicado e profundo. O positivo ou o negativo desse mundo podem ser factores de vida e de bem, ou de morte e de mal. O gato e o cão são assim sinais de um afecto...

● E já agora, que falamos de animais, eu queria contar um caso que me aconteceu há dias. Eram 4,30 h da manhã quando acordei com os latidos aflitos de um cão. Levantei-me, desço as escadas e vejo as luzes da cozinha acesas. As portas estavam fechadas e o cão continuava a ladrar. Ao mesmo tempo ouvia um som diferente, mas sem saber se era gente ou não. Aproximo-me da porta vidrada, vejo um cão preto a correr e, logo atrás, semi-curvado e rosto sem cor de sangue, o Sampaio munido de uma tábua e de outro objecto qualquer.

— Então que há?! — perguntei.

— Vou matá-lo...

Não percebi porquê e recuei com uma vontade tão grande de rir e escondi-me atrás da porta à espera do final! Sempre tenho visto o Sampaio como um defensor sério da Natureza e dos animais! Que se teria passado para explicar tal confronto e àquela hora tão desumana?

— Deixa lá o cão em paz — insisti.

— Então, abra já a porta...

Aí saem os dois, aos encontros e aos pontapés. Eu não aguentava mais! Não conseguia entender, nem inventar razões para sossegar. A explicação veio, mas só depois de o cão se ter sumido na escuridão da noite.

— Não dormi, por causa da constipação e vim por aí acima. Cheguei aqui, vejo carne espalhada pelo chão e aquele cão metido dentro da cozinha e, para cúmulo, virou-se a mim

NOTAS DA QUINZENA

e quis morder-me! Se você não aparecia, eu matava-o.

O cãozinho preto talvez não volte mais a nossa Casa enquanto se lembrar das mãos, dos pés e da cara do Sampaio. Mas outros continuam a vir, porque há ossos e também carinhos de alguns dos nossos rapazes. E por causa destes carinhos, às vezes, até nem se dorme... Nem sei a quem dar razão. Se aos carinhos destes, se aos «carinhos» do Sampaio. Aconteceu. Mas eu fiquei com pena daquele cãozinho preto. Ele não tinha culpa nem da constipação, nem das insónias, nem da carne estar à mão de semear. Foi um acidente.

O Sampaio até nem queria que eu escrevesse este caso. Que poderia ser mal interpretado por alguém. Se eu não escrevesse isto, também não escreveria mais nada... E então, com a devida vénia, cá vai... Mas nada de comentários! Que o Sampaio é o nosso criador e tratador de pombas, de garnisés, porcos da Índia, codornizes, perdizes, cobras e lagartos. Sabe ainda tratar bem das pessoas quando têm dores de dentes. Enfim, mui-

tas qualidades. Mas ninguém é perfeito. Ele quer ir para Angola — sua terra natal.

● Foi há dias para aquele País o nosso Alvaro «Carioca». Professor em Dalatando. Ele e outros vão preencher o vazio existente nos quadros daquela linda terra: Viagens pagas, hotel, facilidades, protecção. A exportarmos a nossa «massa cinzenta», que seja para onde as necessidades materiais ou espirituais a assimilem melhor. Onde o crescimento humano seja visível e recíproco.

Oxalá o Alvaro e todos aqueles que agora voltam a Angola saibam dignificar a sua missão, até para desfazer antigos preconceitos.

Aqui, ele deixou uma dinamização forte, no desporto. Deixou, porque quis que, na sua ausência, tudo funcionasse igual. Os rapazes compreenderam e aceitaram o cargo. Assim é que é. Fazer e criar condições para que outros continuem, fazendo melhor ou pior, mas que seja o melhor de cada um!

Padre Moura

FESTAS

Podemos considerar as nossas Festas como um êxito, a todos os níveis. Casas esgotadas e um calor humano intenso e irreprimível. Preparação e actuação empenhadas dos Rapazes, em que o espírito de criatividade e o sentido de responsabilidade estiveram patentes. Comunhão de sentimentos que a todos, decerto, beneficiou.

Seja-nos permitido transmitir, por esta via, um bem-haja bem profundo a todos aqueles que connosco colaboraram, desde a Empresa do Monumental (Lisboa) aos Bombeiros Voluntários de Loures, passando pelos seus funcionários e associados, até aos que, na venda dos bilhetes e nos trabalhos anónimos por detrás dos palcos e nos preparativos sempre indispensáveis, deram o melhor de si próprios, em canseiras e em arte.

Padre Luiz

6 de Junho » » — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA

7 » » » » — Teatro de Anadia ANADIA

14 » » » » — Cine-Teatro Messias MEALHADA

POBRES

● Ele foi um homem que deu o melhor da sua vida numa grande empresa de transportes. Um trabalhador incansável. Respeitado e respeitador.

Vem o crepúsculo. Requer a justa pensão de reforma, que veio deferida atempadamente. Mas, por intuição, não concordava com o valor atribuído.

— Sabe? As vezes até me custa adormecer! Estou a ser levado... Lá isso é que estou. E estava!

Um dia, aborda-nos. Não sabia que fazer...

— A gente não dá conta de nada!...

Ouvimos. Depois, em seu nome, formulámos uma série de questões ao departamento do Seguro Social. A resposta não tarda! Que sim. A pensão incidira, apenas, nas contribuições entregues a uma de três Caixas onde fora inscrito, ao longo da vida. E repescaram, pelas vias normais, as contribuições nas duas restantes.

— Eu não disse?! Estava a

ser levado... O mal foi no requerimento da reforma; mal escrito — como V. disse. A gente não dá conta de nada!...

— Agora, o problema tem solução...

— Quantos Pobres — analfabetos como eu — estão a ser levados em benefício da Caixa? Centenas. Milhares!

Enquanto o vento vai e vem, chegam notícias e vales de correio com importâncias chorudas. A pensão aumenta quase para o dobro! O homem sente-se feliz. Tem o mínimo de subsistência. Fez-se justiça. E deu graças a Deus connosco.

● Entretanto, chega-nos à mão o caso de um mineiro. Homem de meia idade, precocemente envelhecido.

A vida dos mineiros é uma luta heróica de sacrifícios sem conta. Uma corrida para a morte — lenta ou cruel. Deveriam merecer o respeito da comunidade, em todos os sentidos.

— Ele sefoca. Não s'aganta...

— Ó senhor Adriano, sente-se aqui, a nosso lado. Não fale. Descanse um bocadinho. Temos tempo.

A mulher descreve o calvário d'ambos. Traça uma panorâmica sombria, mas detalhada, das dificuldades em que vivem.

— A pensão não dá p'rá gente comer... Não dá! Ele trabalhou nas minas de... entre 1941 e 1958. Óspois, já não s'agantava. Foi p'rá construção civil até pedir a reforma. Mas é tam pouco, meu senhor! Inda fomoz ò Tribunal, por mor da doença q'ele apanhou nas minas...

— Senhor Adriano, quando foi o juro?

Olha para nós desiludido. Sufocado. Amnésico. Carrega as sobancelhas. Franze a cara. Linguagem expressiva!

A mulher dá a resposta:

— Tá a ver?! Já não diz nada... E, q'ando diz, troca tudo. Anda esquecido... Meu senhor, veja os postais do Tribunal...

Analisámos a dança jurídica. E a mulher intervém, de novo:

— O especialista disse q'ele tinha acajo cem precento de mal (silicose). Mas, lá no Tri-

bunal, o médico disse que só tinha 65 precento.

— Qual a decisão?

— Aquilo não deu nada. Só trabalhos!

Ficámos ciente dos acidentes do percurso. Haveria só duas hipóteses: requerer à C. N. P. uma revisão do processo de pensão, não fosse haver omissões — como no primeiro caso — pois contribuiu para duas Caixas; e pedir o suplemento dos silicóticos — que não recebe!

Vem a resposta. Não há erro de cálculo. Mas para o suplemento precisa mandar à C. N. P. uma declaração das empresas em como exerceu actividade no interior das minas; e uma outra do Sindicato.

— P'ra ir ao escritório das minas são 9 horas a pé... Eu já não aganto! Só posso ir às oitras... na caminete.

Lá foi, com tremendo sacrifício!

● Sendo imorais as comedelas à sombra da Previdência, não deixa de ser menos

injusta e desumana a situação dos Pobres que — vítimas de carências de toda a ordem, analfabetismo inclusivé — não recebem o valor integral da pensão ou subsídios extras que a lei prevê.

Estamos na hora da Cibernética. O Seguro Social é já computarizado. Apesar de não sermos peritos na matéria, lamentamos que o registo de contribuições — pelo que sabemos — ande disperso por várias Caixas. E, para o cálculo da pensão, a C. N. P. tenha de solicitar extratos da conta-corrente do beneficiário a cada uma delas — consoante as indicações fornecidas... As consequências estão à vista. E os maiores prejudicados são os Pobres!

Há conveniência em manter a presente contabilização, quando o mais lógico — em nosso entender — seria um banco de dados adstrito à C. N. P. para recolha final das contribuições de todos nós?

Júlio Mendes

Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª página

conheceu? E as duas irmãs?... E outros que ainda podem vir? As mesmas causas a produzir os mesmos efeitos — um nunca acabar de problemas a que é impossível dar resposta!

Casos como estes são aos milhares. Se fosse lícito abusar dos Leitores e ocupar as quatro páginas d'O GAIATO só com este assunto, bastariam cartas recebidas nas últimas semanas para documentar a extensão e profundidade da chaga social proveniente do desmoronamento de famílias que nunca tiveram a mínima garantia da responsabilidade que lhes compete.

E o primeiro e fundamental direito da Criança é ter pais, não apenas procriadores; é ter um lar e não só um recinto onde se reúnam para as necessidades animais de comer e dormir. Tudo o que se faça na preparação daqueles que vão assumir uma família, é o trabalho mais inteligente e válido para a defesa dos Direitos da Criança.

Até agora, que eu saiba, o pouco que se faz só a Igreja o tem feito. A sociedade permissiva em que vivemos, mais tem desfeito e nada prevenido a proliferação de situações dramáticas de que são vítimas as crianças. Quem passa ao largo dos dramas alheios não se aperceberá. Mas os que vivemos na encruzilhada deles, detectamos. As nossas Casas

nunca foram tão procuradas como hoje, em que circula mais dinheiro e há, porventura, menos fome. Houvesse o dobro, o triplo da capacidade e nunca chegaria. E nunca chegará enquanto se não subir às origens para travar aí os males consequentes, tão difíceis, depois, de remediar e sempre tão imperfeitamente curáveis. A história de cada um dos nossos Rapazes levar-nos-ia quase sempre às suas famílias, tão carecidas de assistência quanto eles: «Eu é que devia ser internada!»

Grande tarefa cabe à Secretaria de Estado da Família! Oxalá não seja sol de pouca dura e a não enredem outros interesses não os da Família em Portugal. Importante a missão dos Tribunais de Família se a sua perspectiva fosse mais medicinal do que simplesmente judicativa dos acontecimentos pontuais em que se ocupa!

Dinheiro?... Sim, seria preciso muito! Mas muito mais necessários os apaixonados, que esta batalha não é de mercenários.

Busquem os técnicos, com humildade, estratégias de acção. Cuidem os Responsáveis de uma política coerente e determinada — estável. Dê-nos Deus em suficiência quem se disponha a perder a vida para A ganhar. De outra forma poderão encenar-se muitas flores, mas ninguém conte com frutos.

Padre Carlos

Setúbal

Milhares de barcos perdidos no mar!... Foi assim que começou e terminou a festa da Carmita.

A Carmita morreu. De imediato nos associámos à Festa eterna que o Pai lhe preparara desde a constituição do Mundo: «Vem bendita!... Possuir o Reino que te está preparado!»

Música, salmos, orações, cânticos, reflexos do seu diário, mensagens da sua vida doada em heroicidade crescente aos mais pobres e mais sofredores, testemunhos da sua amizade, confidências do seu amor encheram as brevíssimas vinte e oito horas da velada do seu corpo morto.

Uma inundação de Sobrenatural desabou sobre os corações e as consciências de quantos se aproximaram desta multidão incontável. O Mistério da Ressurreição vem-se tornar evidente, aceitava-se com certeza plena!

A vida da Carmita não foi para menos. Quarenta e um anos.

Não a conheci na sua adolescência, mas os testemunhos afirmam que o procedimento foi sempre de quem se pautou por em tudo corresponder aos desígnios de Deus!...

Uma ânsia de apostolado insaciável! Aos dezanove anos veio apresentar-me o sonho da sua vida desde muito nova: Ser mãe solteira de crianças sem mãe. Dar a sua maternidade virginal, numa casa sua integrada na própria família.

Eu dei-lhe três: duas meninas e um bebé de quinze dias. Ela foi buscar outros três, seus vizinhos.

Criou-os. Foi Mãe. Mãe sofredora e esperançosa. Encobrendo sempre as amarguras que uma maternidade deste tipo acarretam, sabia apreciar e partilhar os pequeninos doces que a vida tem.

Muitas vezes disse ao Senhor que se queria gastar ao Seu serviço e no dos seus Irmãos.

Deus vem ao encontro dela com um projecto que não está nos seus planos: ser mártir numa prolongada e incurável doença. A Carmita tem, então, oportunidade

de se dar aos doentes cancerosos, enquanto internada; e em tratamentos, no Instituto de Oncologia. Quis sempre pôr os outros doentes em primeiro lugar. Julgar-se sempre a mais saudável. Animar os mais abatidos. Defender os Direitos do Doente. Confiar nos seus médicos. Partilhar com todos a sua Fé viva.

O Senhor veio buscá-la na pujança da sua acção. Sem nada ter terminado. Quando tudo ia a meio. Por isso, o embate do seu exemplo na vida de quantos a conheceram foi enorme e será incomensurável.

A Carmita foi uma mulher que soube amar Jesus crucificado, não na contemplação do crucifixo mas na entrega àqueles que carregam a Sua Paixão. Como cristã, discípula de Cristo, quis ser vítima. Carrega aos ombros os pecados dos homens, pondo-os na sua vida, fruto desses mesmos pecados, para os redimir numa dimensão humana. As crianças, alvo da malícia dos homens, são o caminho do seu calvário e da sua glória.

Para a Carmita, a celebração da Eucaristia não era um simples Memorial da Morte do Senhor e da Sua Ressurreição, mas a actualização vital de toda a Acção salvadora de Cristo, em que ela estava empenhada.

Não foi por acaso que expirou no momento do Ofertório, em que toda a família celebrava a Eucaristia junto do seu leito de morte!

A Carmita é, também, da nossa Obra. Através de O GAIATO pediu o espírito evangélico e a paixão de Pai Américo por Cristo crucificado nos Pobres.

Ser testemunho do amor de Deus aos homens do seu tempo, não de uma forma irreal ou abstrata, mas com as suas próprias mãos, o seu coração, a sua inteligência e o que há de mais íntimo e mais profundo em si — a sua maternidade.

Ela gostava muito da canção «Milhares de barcos perdidos no mar». Quis ser farol para todos. E foi!

Padre Acílio



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa